

## SAÚDE MENTAL NA POPULAÇÃO QUILOMBOLA: Relato de experiência MENTAL HEALTH IN THE QUILOMBOLA POPULATION: Experience report

Abmael Cruz Amaral<sup>1</sup>  
Ruth Martins do Nascimento<sup>2</sup>  
Gleiton Nunes de Azevedo<sup>3</sup>

**RESUMO:** Os quilombos fazem parte de uma história marcada pela escravização de pessoas negras no Brasil, em que os remanescentes quilombolas possuem sua própria trajetória histórica, dotadas de relações territoriais, com ligação em suas ancestralidades negras a qual está relacionada com a resistência à opressão histórica vivida. A população quilombola ainda luta pela igualdade de direitos e cidadania, pela regularização fundiária de suas terras, intolerância religiosa, racismo e principalmente pela equidade na saúde. Desta maneira, essa pesquisa tem o objetivo de discutir e analisar como a população quilombola atribui sentidos e práticas em relação à saúde mental. Conclui-se que é necessário, que a psicologia amplie suas práticas de cuidado em saúde mental, pois assim pode prestar assistência no território a qual venha de encontro com a cultura, subjetividade e história das comunidades quilombolas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Saúde Mental; Quilombo; População Negra.

**ABSTRACT:** Quilombos are part of a history marked by the enslavement of black people in Brazil, in which the remaining quilombolas have their own historical trajectory, endowed with territorial relations, with a connection in their black ancestry, which is related to resistance to the historical oppression experienced. The quilombola population still fights for equal rights and citizenship, for land regularization of their lands, religious intolerance, racism and especially for equity in health. In this way, this research aims to discuss and analyze how the quilombola population attributes meanings and practices in relation to mental health. It is concluded that it is necessary for psychology to expand its mental health care practices, as this can provide assistance in the territory that meets the culture, subjectivity and history of quilombola communities.

**KEYWORDS:** Mental Health; Quilombo; Black Population.

### 1. INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Psicólogo graduado no Centro Universitário Alfredo Nasser – UNIFAN. - abmaelcruzamaral@gmail.com

<sup>2</sup> Psicóloga graduada no Centro Universitário Alfredo Nasser – UNIFAN - psiruth01@gmail.com

<sup>3</sup> Psicólogo (PUC-GO); Mestre e Doutor em Ciências do Comportamento pela UnB; Atua como professor e pesquisador efetivo na UNIFAN.

Os quilombos fazem parte de uma história marcada pela escravização de pessoas negras no Brasil, em que os remanescentes quilombolas possuem sua própria trajetória histórica, dotadas de relações territoriais, com ligação em suas ancestralidades negras a qual está relacionada com a resistência à opressão histórica vivida. A palavra “quilombo” na sua etimologia bantu significa acampamento guerreiro na floresta, frutos das reações contra o sistema escravista do país, que é diferente dos agrupamentos sociais dos povos originários brasileiros, indígenas, os quilombos e sua população denominada por remanescente de quilombo, têm sido definidos de forma ampliada com ênfase nos elementos envolvidos na identidade étnica e no território (Schmitt; Turatti; Carvalho, 2002).

De acordo com Garcia e Andrade (1997), A expressão "quilombo" também é utilizada para descrever a situação presente dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos. Ela remete a um legado de herança cultural e material, fornecendo uma forte identidade e conexão com um lugar específico.

Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) mostram que 56,1% da população brasileira é negra/preta, tendo em comunidades quilombolas 1,32 milhão de pessoas, ou 0,65% do total de habitantes do país. Não obstante, mesmo ocupando mais da metade da sociedade brasileira, a população negra continua sendo uma das mais desfavorecidas em relação a oportunidades de desenvolvimento socioeconômico, com níveis mais altos de ruralidade, pobreza, desemprego, analfabetismo e migração, associados a menor acesso aos serviços de saúde e saneamento ambiental (Brasil, 2016).

Tendo em vista que as comunidades remanescentes quilombolas têm, recorrentemente direitos básicos violados, o qual segundo Freitas *et al.* (2011), é necessário ampliar a discussão do direito à saúde, que é uma condição básica do Sistema Único de Saúde (SUS), levando em consideração que o alcance ao mesmo, passa por condições sociais e econômicas da população e não apenas de sua condição étnica.

Assim, este se justifica pela necessidade de discussão dessa temática, devido a desassistência dos serviços de saúde e implementação de políticas públicas. Este trabalho contribuirá para ampliação do escopo bibliográfico sobre o

tema, possibilitando o desenvolvimento de intervenções mais assertivas a membros dessas comunidades.

No Brasil as comunidades Quilombolas sofrem por vários fatores relacionados à opressão, desigualdades e principalmente a saúde, com esses fatores, a própria comunidade cria estratégias para lidar com as demandas que surgem e não são assistidas por políticas públicas a tempo e a hora; qual a relação do quilombamento e os fenômenos psicológicos? Quais estratégias utilizadas a partir dos sentidos e práticas atribuídas pela comunidade quilombola para lidar com tais demandas?

Diante do exposto, este trabalho se propõe em analisar e discutir a relevância do quilombamento como ampliação da clínica e estratégia de promoção de saúde mental, tendo como objetivos específicos Contextualizar os estigmas no Brasil e a branquificação do quilombo; discutir sobre os sentidos que a comunidade quilombola atribui a saúde mental; elucidar sobre raça e gênero e como tais aspectos influenciam na saúde mental.

## **2. METODOLOGIA**

O presente trabalho apresenta uma revisão narrativa dois relatos de experiência relacionados a comunidades quilombola e saúde mental como temas centrais, descrevendo o ambiente que atribuem para o adoecimento mental nesta população. Participaram das visitas dois psicólogos em formação, uma mulher de 28 anos, e um homem, 23 anos, enquanto ambos estavam cursando o 9º período do curso de psicologia da UNIFAN. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e rodas de conversa com os membros da comunidade de forma obter informações gerais sobre as demandas explícitas. Serão apresentados apenas os fatos relacionados com o tema da revisão.

Foi visitado o Quilombo Kalunga, situado na região da Chapada dos Veadeiros-GO nas datas de 23 e 31 de janeiro de 2023, juntamente com a Operação Lobo-Guará do Projeto Rondon.

O Projeto Rondon é uma ação interministerial de cunho político e estratégico do Governo Federal, coordenada pelo Ministério da Defesa, destinada a contribuir com o desenvolvimento da cidadania nos estudantes universitários, empregando soluções sustentáveis para a inclusão social e a

redução de desigualdades regionais e visando ao fortalecimento da Soberania Nacional (Brasil, 2020).

No mesmo ano, o Quilombo Urbano na Vila Delfiori, em Aparecida de Goiânia, foi visitado na data de 27 de maio de 2023, por acadêmicos de psicologia juntamente com o Movimento Científico e Cultural de Aparecida de Goiânia (MOCCA) e o Núcleo de Estudos e Ações para Diversidade (NESTADI).

A revisão narrativa, por via de um estudo exploratório da literatura científica, foram utilizados como fontes de coleta de dados: *Google Acadêmico*, *SciELO*, Ministério da Saúde e Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), além de obras de diferentes autores com os seguintes descritores: Psicologia, Saúde Mental Quilombola e Racismo Estrutural.

### 3. RESULTADOS

#### 3.1 REVISÃO NARRATIVA

Apesar de avanços legais, como a certificação da Fundação Cultural Palmares, as populações quilombolas ainda padecem uma diversidade de problemas referentes a violências e violações de direitos. A partir do momento em que as comunidades quilombolas passaram a obter um reconhecimento oficial de identidade e cultura, começaram a sofrer efeitos de violências diretas como ações externas indiscriminadas reconhecidas por interferências em âmbitos político-sociais, ambientais, culturais, educativos e de saúde tem nitidamente enfraquecido as comunidades quilombolas (Batista; Rocha, 2019).

O Brasil é permeado pelo racismo estrutural e suas opressões, nas quais propiciam segregação, desigualdade social, intolerância religiosa e violência racial, além da figura negra ser marginalizada (Almeida, 2018). Portanto, entende-se que o racismo estrutural:

[...] é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo "normal" com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção. (Almeida, 2018, p.40-41)

Em contexto de comunidade quilombola, o cenário não é diferente, pois os membros desse agrupamento social ainda precisam lidar com a frequente

PSICOLOGIAS EM MOVIMENTO - v.4, n.2: Ago-Dez, 2024.

desassistência social, política e de saúde, pelo fato da maioria dos quilombos estarem em áreas rurais e de difícil acesso. Diante desses determinantes sociais, a saúde mental da população quilombola é afetada em vários aspectos (Xavier, 2012; Monego *et al.*, 2010).

Os quilombos são compostos por mulheres, em sua maioria, assim acaba tendo uma característica a mais para ser considerada em qualquer olhar sobre esse território enquanto intervenções sociais e políticas. De acordo com Djamila Ribeiro (2017, p.25) enfatiza que:

Quando, muitas vezes, é apresentada a importância de se pensar políticas públicas para mulheres, comumente ouvimos que as políticas devem ser para todos. Mas quem são esses “todos” ou quantos cabem nesses “todos”? Se mulheres, sobretudo negras, estão num lugar de maior vulnerabilidade social justamente porque essa sociedade produz essas desigualdades.

Ainda conforme a autora, é sabido que questões de gênero, como o machismo instaurado na sociedade brasileira, tem como efeito colocar a mulher negra em uma posição de subordinação e sendo oprimida, do modo semelhante, há a repetição desse padrão dentro das comunidades quilombolas, uma vez que é possível definir o machismo como parte da construção histórica e cultural que permanecem até os dias atuais em diversas comunidades ao redor do mundo.

Os saberes tradicionais das comunidades quilombolas remanescentes são fundamentais para assegurar a existências dessas das mesmas, na qual mantém como prática o seguimento de ritos e costumes de uma cultura afro-brasileira. Haja vista, que apesar de algumas comunidades serem semelhantes, cada quilombo possui surgiu de uma demanda própria, trazendo características da região e das pessoas ali aquilombadas, definindo assim suas próprias características. Por esses motivos, possuem seus próprios modos de lidar com o processo de saúde-doença, que são passados de geração em geração (Batista; Rocha, 2019).

Conforme elucida Freitas (2011, p.937),

A cor da pele pode ser vista como manifestação biológica na figura humana, mas também pode se mascarar em expressão racializada da biologia, quando exposta a atitudes segregadoras dentro da sociedade. Os termos raça e etnicidade são categorias sociais, mais do que biológica, referente a grupos que têm em comum uma herança cultural. As desigualdades raciais, nas condições de saúde das populações, permanecem sendo um grande

problema de saúde pública em vários países, como expressão de diferenças biológicas, disparidades sociais e discriminação étnica.

O Brasil é constituído por uma sociedade que é ancorada no racismo, discriminação e desigualdade étnico-raciais, o que torna isso um problema estrutural, cultural e político (Freitas, 2011), o que sustenta a formação de estigmas raciais na qual influencia diretamente na saúde mental quilombola, simultaneamente, acaba negligenciando particularidades das demandas dessa população (David; Vicentin, 2020).

As comunidades quilombolas no Brasil são múltiplas e variadas e se encontram distribuídas em todo o território nacional. Porém, atualmente, há comunidades que se localizam no campo e outras nos centros urbanos. Desse modo, os sentidos produzidos por eles sobre doença mental são plurais e são construídos a partir das experiências e vivências cotidianas e da sua relação com a natureza e a cultura (Batista; Rocha, 2019).

A forma de como determinado grupo produz sentidos e práticas ligadas à saúde está estreitamente relacionada a seu cotidiano e as relações que se constituem entre si e com o ambiente que o envolve. Vale salientar, que muitos povos quilombolas se utilizam de práticas alternativas à medicina tradicional para lidar com questões de saúde com plantas e rituais religiosos (Freitas *et al*, 2011). Nas comunidades quilombolas, ainda há muitos estigmas sobre a saúde mental, por questões de cultura e até mesmo de acesso à informação, pelo fato de a maioria dos quilombos se situarem em áreas rurais. Entre as formas de reconhecer e lidar com o sofrimento mental e “desordens comportamentais”, o sujeito é tido como uma pessoa louca, fora da realidade, e das formas de lidar com os sintomas psiquiátricos, utilizam-se de práticas religiosas e até mesmo a mata como refúgio (Batista; Rocha, 2019).

Nessa perspectiva,

pensar em quilombamentos é pensar em uma noção conceitual que engloba, movimenta e fábula o significado mesmo da palavra quilombo, termo-conceito que habita o imaginário coletivo e designa uma forma de resistência e organização das pessoas negras. O ato de quilombar, no contexto ético e estético proposto, explode a ideia de território fixo e se liga a “experiências marcadas por interações, modificações e transcendências (Patrocínio, 2022, p. 46).

Sendo assim, aquilombar-se é constituir espaços que possam refletir e agir sobre a realidade de uma comunidade quilombola, estabelecendo autocuidado, compreendendo e respeitando a história, origens e cultura. O aquilombamento<sup>4</sup>, torna-se um dispositivo de estratégia de saúde pública, que auxilia na promoção de saúde mental, apresentando novas formas de lidar com o processo de saúde-doença sem desvalidar a cultura e preceitos quilombola, tão pouco seus próprios recursos.

No que tange a Psicologia, Guattari (1992), elucida que é fundamental aos profissionais de psicologia estarem ativos e sensíveis ao contemporâneo. Tendo uma psicologia também centrada em sua teoria e prática baseadas no conhecimento de pessoas negras, adequando o que foi desenvolvido em uma visão eurocêntrica de necessidades humanas, ainda a visão dominante na psicologia tradicional, para uma visão mais alinhadas às necessidades da comunidade atendida em questão, neste caso relatado às pessoas negras, com isso dirimir uma influência estrutural de colonização, que não apenas colonizou territórios geográficos, mas também territórios existenciais impondo padrões muitas vezes inalcançáveis ou impróprios a comunidades diversa, mas também perpetuam o racismo, machismo e lgbtphobia (Veiga, 2019).

Por conseguinte, a população quilombola, assim como toda a população negra brasileira, vem ao longo dos anos travando lutas e resistências por direitos e espaços, lidando com o racismo, desigualdade social, intolerância religiosa e dentre outros preconceitos arraigados na estrutura de como essa sociedade foi baseada. Devido a esses determinantes sociais é comum que membros de uma comunidade quilombola neguem seus costumes e cultura devido aos preconceitos e intolerâncias e diante disso desejam a branquitude.

O racismo produz efeitos na relação do negro com seu próprio corpo, na qual o branco é visto como modelo ideal e como figura de desejo (Souza, 1983), que faz com que o negro procure formas de se aproximar do ideal branco, como buscar semelhanças nas características físicas como por exemplo alisar o cabelo. Esse

---

<sup>4</sup> Aquilombamento é um conceito referente a ser semelhante a um quilombo, considerando características peculiares do grupo residente de forma a enfatizar o empoderamento dos afro-brasileiros e de sua cultura.

fenômeno também pode ser entendido como um “analfabetismo racial”, pois são bloqueados acessos ao hoje denominado “letramento racial” como uma alternativa de reeducação do indivíduo em processo antirracista de reconhecer-se enquanto uma pessoa negra, extinguindo práticas de auto e heteroagressões associadas ao conceito de raça que é prejudicial à existência do ser negro (Tavares; Kuratani, 2019)

Contudo a trajetória histórica da negritude tem sido caracterizada pelo desdém e ódio dos brancos pela vida negra desde a escravização de pessoas pretas até os dias atuais (Veiga, 2019). O ódio está entrelaçado na subjetividade negra, resultando em um doloroso processo de ódio por si mesmo, sendo esse processo de aprendizado cultural, dos outros como se fossem seus, é semelhante ao que acontece às vítimas de abuso ou outras violências, e tais percepções acabam sendo vividas pela comunidade quilombola.

## **3.2 RELATOS DE EXPERIÊNCIA**

### **3.2.1 Quilombo Kalunga**

Tendo em vista a necessidade de assistência em direitos e saúde, o quilombo da comunidade Kalunga, situado na região da Chapada dos Veadeiros-GO, foi visitado através da Operação Lobo-Guará do Projeto Rondon em janeiro de 2023. A partir da viagem precursora realizada pelo coordenador do Conjunto A, foram levantadas demandas internas, como ansiedade, depressão, abuso e exploração sexual, temas esses que fomentaram a elaboração de palestras e oficinas que foram levadas à população em caráter educativo e preventivo.

Na primeira visita realizada no dia 23 de janeiro, teve como objetivo realizar uma avaliação preliminar de como a comunicação se apresentava naquele momento, identificando quais eram as prioridades de demandas temáticas para a confecção da intervenção. Nessa ocasião foi possível observar que as mulheres da comunidade eram bem acanhadas e evitavam conversar com figuras masculinas, ao presenciar um colega homem abordar uma das mulheres, teve seu questionamento ignorado e um afastamento da presença do mesmo, se direcionando à outras mulheres. Esse fenômeno tem possível relação com parece de que

[...] os homens mantêm com as mulheres seria esta: da submissão e dominação, pois estariam enredadas na má fé dos homens que as veem e as querem como um objeto. [...] a mulher não é definida em si mesma, mas em relação ao homem e através do olhar do homem. Olhar este que a confina num papel de submissão que comporta significações hierarquizadas (Beauvoir, 1980 *apud* Ribeiro, 2017, p. 22).

A partir dessa primeira visita, foi possível adequar as atividades propostas: as palestras, oficinas e formas de abordar os temas relativos à saúde mental, considerando essas características da população feminina ali presentes. Na segunda visita, no dia 31 de janeiro, foi realizada uma oficina sobre os temas saúde física e mental, empoderamento feminino, autoestima e direito da mulher, em que estiveram presentes apenas as mulheres, em um cenário separado dos homens.

Na ocasião, em que foi proposta uma roda de conversar sobre saúde mental mediado por um acadêmico de Psicologia, na qual os homens da comunidade participaram, foi observado que as mulheres se retiraram do local mantendo-se separadas dos homens, com exceção de uma mulher de aproximadamente 35 anos que se manteve na roda de conversa e foi muito participativa, ao contrário da maioria das mulheres que sempre moraram na comunidade. Ela relatou que já havia morado em uma grande cidade e apresentou um perfil diferente das características das mulheres ali presentes. Deu-se a entender que era de seu conhecimento todas as demandas de saúde mental manifestadas no seu círculo familiar, desse modo, ela facilitou o diálogo tanto na roda de conversa dos homens quanto na oficina de mulheres. Haja vista, que essa comunidade em específico possui como característica o baixo interesse e interagir com pessoas que não fazem parte do quilombo, principalmente com relação às pessoas não negras.

Com as modificações feitas para atender exclusivamente o público feminino da comunidade, foi notório o quanto elas se sentiram à vontade, com uma acadêmica negra mediando a oficina, foram participativas, compartilharam questões pessoais, como dúvidas sobre saúde da mulher, métodos contraceptivos, exames preventivos, relacionamentos conjugais, questões e situações da comunidade frente a saúde mental. Relataram ter casos de depressão e ansiedade na comunidade. Ao perguntar quais as estratégias de enfrentamento e resolução de problemas utilizadas por elas para lidarem com a saúde mental, a maioria respondeu que

gostam de cuidar de plantas e relataram que o médico da cidade prescreve ansiolítico, além de pesquisarem sobre saúde mental na internet.

Na ocasião relataram que não possuem recursos como psicoterapia na região, a maioria delas nunca tiveram contato com nenhum tipo de psicoterapia. Foi abordado sobre os sinais e sintomas da ansiedade e suas múltiplas formas de se manifestar, nesse sentido foi definido para as mulheres o termo da psicossomatização. Após o levantamento de demandas, estratégias de enfrentamento de condições derivadas de um “adoecimento mental”, foram ensinadas a elas algumas técnicas para manejo de ansiedade, tais como a técnica de relaxamento juntamente com a respiração diafragmática e alongamentos.

### **3.2.2 Quilombo Urbano - Vila Delfiori**

Em outra experiência de visitação, um grupo de alunos da área da saúde da UNIFAN foram convidados pelo Núcleo de Estudos e Ações para Diversidade (NESTADI), a prestar assistência de saúde ao Quilombo Urbano na Vila Delfiori, comunidade Quilombola liderada por uma mulher negra localizada em Aparecida de Goiânia, nascida em 1991. Foi orientado aos acadêmicos de psicologia, que cursaram o estágio profissional, a realizar atendimentos na modalidade de plantão psicológico que é caracterizado por ser um tipo de intervenção em situações de crises e emergências de forma individualizada e também a realização de atividade em grupo, sendo assim os acadêmicos se dividiram entre as duas modalidades.

Com a presença dos profissionais da saúde, os membros da comunidade se aproximavam e em dado momento uma mulher negra, membra da comunidade, se aproximou do grupo enquanto se realizava a atividade em grupo, e um dos alunos de pele não negra perguntou se ela queria participar de alguma das modalidades de atendimento e ela recusou justificando que naquele momento não queria, logo em seguida, se aproximou um dos acadêmicos de cor de pele negra sem perguntar se ela gostaria de participar da oficina, apenas sentou do lado e ela começou a conversar, espontaneamente relatando suas demandas e nesse momento ali começou um processo de intervenção por meio da clínica peripatética, ou seja, clínica aberta e isso só se tornou possível porque a mulher notou certas

similaridades, características comuns que permitiu com que ela pudesse se sentir à vontade para se expressar.

É relevante ressaltar que esse fenômeno de identificação por parte da assistida com o aluno de pele negra e, que não se pode confundir enquanto essa prática de aplicação de racismo, mas como descrito anteriormente neste trabalho, a pessoa de pele não negra, pode estar associada a uma interseccionalidade de forma intensa a episódios e punição, e comportamento está relacionado à evitação de um contato com um potencial agente punidor, por similaridade física com episódios anteriormente vivenciados em sua história (Mizael; de-Farias, 2023).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mesmo os povos remanescentes quilombolas sendo 1,32 milhão de pessoas, ou 0,65% do total de habitantes do país (IBGE, 2023) e mesmo ocupando essa posição continua sendo uma das mais desfavorecidas, com níveis altos de ruralidade, desemprego, pobreza analfabetismo, migração, serviços de saúde e saneamento ambiental. Fica evidente nas exposições das experiências relatadas pelos discentes que a tonalidade da pele dos agentes de saúde, em sua maioria de pessoas não negras, influenciou na disposição do contato dos membros da comunidade quilombola, por estarem associados a episódios aversivos inerentes ao racismo.

Mediante o exposto, podemos afirmar que as comunidades quilombolas remanescentes, apesar dos avanços em relação à interação com a população não aquilombada, ainda têm seus direitos violados principalmente quando se trata de saúde mental e atendimento adequado. É necessário, que profissionais de psicologia ampliem suas práticas de cuidado em saúde mental à essas comunidades incorporando principalmente o aquilombar-se, como uma estratégia de saúde pública, pois assim poder-se-á prestar assistência no território a qual venha de encontro com a cultura afro-brasileira, subjetividade e história das comunidades quilombolas.

Por fim, este trabalho não se propõe em segregar que pessoas negras sejam exclusivamente atendidas por outras pessoas negras, mas apresentar o reflexo de que pessoas aquilombadas evitam o acesso à saúde e por vezes negligenciam

oportunidades de tratamento, por estarem com medo e não confiarem que pessoas não-negras estão de fato dispostas a ajudar, excluindo o critério tonalidade de pele. Com isso, a apresentação acima, pode fomentar linhas de pesquisa e desenvolvimento de práticas mais eficazes e antirracistas de profissionais da saúde à essa comunidade, que se originou como refúgio de pessoas negras escravizadas, como uma alternativa de resolução dos sofrimentos físicos e mentais de um período de trágico da história da humanidade, e hoje sofrem de outras formas dessas mesmas mazelas.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, S. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.
- ANDRADE, T. (org).: *Quilombos em São Paulo: tradições, direitos e lutas*. São Paulo: IMESP, 1997.
- BATISTA, E. C., & Rocha, K. B. (2020). Saúde mental em comunidades quilombolas do Brasil: uma revisão sistemática da literatura. *Interações (Campo Grande)*, 21, 35-50.
- BATISTA, E. C.; ROCHA, K. B.. Sentidos e Práticas em Saúde Mental em Comunidades Quilombolas no Estado de Rondônia. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, n. spe, p. e222123, 2019.
- BEAUVOIR, Simone. *O Segundo sexo: fatos e mitos*; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.
- BRASIL. Ministério da Defesa Nacional. *Estratégia nacional de defesa*. Projeto Rondon. Brasília, DF: Ministério da Defesa, 2020.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Articulação Interfederativa. *Temático Saúde da População Negra/Ministério da Saúde*. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2016.
- DAVID, E. DE C.; VICENTIN, M. C. G.. Nem crioulo doido nem negra maluca: por um aquilombamento da Reforma Psiquiátrica Brasileira. **Saúde em Debate**, v. 44, n. spe3, p. 264–277, out. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042020E322> . Acesso em: 12 set. 2023.
- FREITAS, D. A. et al.. Saúde e comunidades quilombolas: uma revisão da literatura. **Revista CEFAC**, v. 13, n. 5, p. 937–943, set. 2011.
- Psicologias em Movimento - v.4, n.2: Ago-Dez, 2024.

GUATTARI, F. Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Brasileiro de 2022. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

MIZAEL, Táchita Medrado; DE-FARIAS, Ana Karina C. R. Análise funcional de micro agressões raciais. IN. **Comportamento em foco**: reflexões teórico-filosóficas, metodológicas e aplicadas na análise do comportamento - Volume 15 / Organizadores Amilcar Rodrigues Fonseca Júnior, Luziane de Fátima Kirchner. – Curitiba: ABPMC, 2023. Disponível em: <https://abpmc.org.br/wp-content/uploads/2023/09/Comportamento-em-foco-V15.pdf>. Acesso em: 8 set. 2023.

PATROCÍNIO, S. M. Aquilombamentos éticos e estéticos: uma poética-política no contexto das teatralidades negras. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura, [S. l.]*, v. 32, n. 1, p. 255–276, 2022. DOI: 10.35699/2317-2096.2022.35447. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/35447>. Acesso em: 8 set. 2023.

RIBEIRO D. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento; 2017. (Feminismos plurais).

SCHMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M. C. P. DE .. A atualização do conceito de quilombo: identidade e território nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade**, n. 10, p. 129–136, jan. 2002.

TAVARES, J. S. C.; KURATANI, S. M. DE A.. Manejo Clínico das Repercussões do Racismo entre Mulheres que se “Tornaram Negras”. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, p. e184764, 2019.

VEIGA, L. M.. Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 31, n. spe, p. 244–248, dez. 2019.

XAVIER, L. C. A visão da feminilidade sobre os cuidados em saúde dos quilombos contemporâneos. In: BATISTA, L. E.; WERNEK, J.; LOPES, F. (Org.). Saúde da população negra. Brasília, DF: ABPN - Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, 2012. p. 204-21.